

A TRANSITIVIDADE DE VERBOS DE MOVIMENTO

Juliana dos Santos (UFES)

1. Como definir a transitividade?

Nos últimos anos, os estudos acerca da transitividade têm-se intensificado. Contudo, há ainda muito a ser investigado sobre este fenômeno lingüístico. Neste artigo, será feita uma análise partindo dos estudos tradicionais, passando pelas teorias lingüísticas, pretendendo chegar a uma visão funcional.

No que se refere à transitividade, Rocha Lima versa inicialmente sobre o complemento para, assim, classificar os verbos. Com essa abordagem, o autor define da seguinte maneira:

O complemento forma com o verbo uma *expressão semântica*, de tal sorte que a sua supressão torna o predicativo incompreensível, por omissão ou incompleto. Em função do tipo de complemento que requerem para formar uma *expressão semântica*, assim se podem classificar os verbos: intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos relativos, transitivos circunstanciais, bitransitivos. (ROCHA LIMA, 2003: 340)

Os verbos de movimento se enquadrariam na definição de transitivos circunstanciais. Segundo Rocha Lima, esses verbos exigem “um complemento de natureza adverbial” e exemplifica com o verbo *ir*, na construção “*Ir a Roma*” e afirma que “a preposição como que forma um bloco com o verbo” (ROCHA LIMA, 2003: 252) e que, neste caso, tem valor de direção.

Para construir seu conceito de transitividade, Perini critica a definição tradicional e garante não serem suficientes as noções de exigência ou de recusa de complementos. Acrescentando a noção de “aceitação livre”. E afirma que:

A concepção de transitividade aqui adotada é puramente sintática: lança mão das funções sintáticas “objeto direto”, “adjunto circunstancial”, “complemento do predicado”, (...) e marca cada verbo sem referir-se a traços de seu significado. No entanto, isso não significa que a transitividade de um verbo não possua correlato semântico algum. (PERINI, 2003: 168-169)

Esse lingüista esclarece que este é um campo vasto de pesquisa. Por inferência, poderíamos dizer que os verbos de movimento seriam por ele classificados como os que recusam objeto direto ou predicativo, aceitam livremente complemento do predicado ou adjuntos circunstanciais.

De acordo com a abordagem valencial, Borba afirma que:

Enquanto uma gramática de constituintes se ocupa com a análise de estruturas tentando descobrir como um constituinte se encaixa noutra ou pertence ao outro, uma gramática de valência procura detectar relações de dependência entre as categorias (básicas) que (co)ocorrem num contexto. (BORBA, 1996: 16)

Assim, o conceito de transitividade seria transposto e analisado de acordo com cada verbo e o tipo de argumentos que ele seleciona. No caso dos verbos de movimento, no que se refere à semântica, os complementos seriam comumente de natureza locativa, de direção, de origem, entre outros. Então, sintaticamente ele selecionaria o preenchimento de duas casas argumentais, isto é, a de sujeito e a do complemento. Como no caso de:

- (1) José saiu da praia.
- (2) Maria correu do cachorro.

Neves declara que:

“Uma sentença que presumidamente contenha apenas informações semânticas e que não apresente função pragmática realmente não existe na comunicação, apenas pode representar um segmento artificialmente isolado de seu contexto, para fins de análise. A própria transitividade é vista como um metafenômeno responsável pela codificação sintático-estrutural das funções de caso semântico e pragmático. Como a função primeira da linguagem é a de estabelecer a comunicação entre os homens, todas as manifestações lingüísticas devem apresentar estrutura temática coerente, estrutura que é observável tanto no âmbito da frase como no do discurso multiproposicional”. (NEVES, 2004: 24)

Desta maneira, é incoerente dissociar a frase de seu contexto pretendendo classificá-la, uma vez que a frase isolada não representa o todo comunicativo.

2. Procedendo com a transitividade.

Rocha Lima, apesar de ter avançado em relação à Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) que consideraria esse verbo como intransitivo, ainda deixa muito a desejar aos consulentes. Embora já tenha diferenciado a verbo *ir* como transitivo circunstancial.

Perini examina pontos dos estudos tradicionais, trata da semântica de alguns verbos, entretanto não se aplica profundamente ao estudo da transitividade.

Borba sintetiza o que é coerente dizer a respeito deste fenômeno:

A possibilidade de associação, aproximando as palavras, gera a dependência, e esta, a transitividade entendida, então, como grau de completude de cada palavra ou classe de palavra: as intransitivas são completas por si mesmas e as transitivas precisam de complementação para chegar a ter efeitos. Esta noção é de natureza sintagmática – assim como nenhuma palavra tem cadeira cativa numa classe, assim também sua transitividade só se realiza na frase. Dessa forma, potencialmente, substantivos (S), adjetivos (Adj) e verbos (V) são transitivos e intransitivos; dependendo de sua ambiência ou colocação para se realizarem de uma forma ou de outra”. (BORBA, 2007: 57, grifo do autor)

Como se vê, a transitividade não foi estudada apenas partindo dos verbos, mas também dos nomes e adjetivos. O autor cita o verbo *obedecer* que exige um complemento preposicionado, o que acontece tanto o substantivo *obediência*, como o adjetivo *obediente* que pedirão complementos preposicionados.

Faz-se necessário, então, aplicarmos alguns conceitos valenciais diante do exposto.

Foi dito acima que a valência é a propriedade dos verbos (e também de outras palavras) de selecionar argumentos para que tenham sentido completo.

Camacho elucidou-nos sobre os critérios argumentais, como segue:

A estrutura fundamental da predicação no nível mais abstrato é determinada pelas possibilidades combinatórias dos predicados, todos eles constituídos por itens lexicais, tal como se representa em (4), que exemplificando o esquema de predicado nuclear do verbo dar.

(4) darv (x1 <anim>(x1))Ag (x2)Me (x3:<anim>(x3))Rec

Um esquema como (4) especifica os seguintes tipos de informação: a forma e a categoria sintática do predador; a valência quantitativa, simbolizadas pelas variáveis $x_1 \dots x_n$, que sinalizam as posições argumentais; a valência qualitativa, especifica as funções semânticas dos argumentos e pelas restrições seletivas que lhe são impostas. (CAMACHO, 2002: .260)

O exemplo citado pelo autor para ilustrar essa estrutura é: “*João deu o livro a José*”.

Há três níveis de valência: quantitativa ou lógica, qualitativa ou sintática e semântica. Entender-se-á valência lógica como o nível mais geral a respeito do número de argumentos. Assim, teremos itens avalentes, monovalente, divalente, trivalente e tetravalente. Vê-se, respectivamente:

- (3) Chove!
- (4) Meus livros chegaram.
- (5) Maria casou-se com José.
- (6) José trouxe flores para Maria
- (7) João traduziu o resumo do português para o inglês.

Observe que em (3) não há a necessidade do preenchimento da casa da esquerda, ocupada pelo sujeito, tampouco a casa da direita, posição dos complementos.

Na construção (4), a ocupação da casa da esquerda já é suficiente para que haja compreensão do que está sendo dito.

Em (5), o verbo *casar-se* seleciona argumentos tanto à esquerda como à direita, por isso é divalente.

Já em (6), por uma exigência semântica, é necessário o preenchimento de mais uma casa, para que entendamos qual é o destinatário, por isso o verbo é trivalente.

Verbos como (7) são tetravalentes por necessitarem do preenchimento das quatro casas, uma à esquerda e as outras três à direita do verbo.

A perspectiva funcional garante-nos que a linguagem é a interação verbal, o ato comunicativo entre os falantes. Só poderemos classificar os verbos quanto à transitividade num dado contexto, uma vez que eles podem ser usados de várias maneiras, como em:

(8) Maria venceu mais uma batalha.

(9) José me venceu no xadrez.

Em (8), o falante preencheu duas casas argumentais, uma de cada lado do verbo.

O evento (9) é um caso comum na língua em uso no qual os falantes não utilizam o pronome após o verbo. Mesmo assim, há o preenchimento de três casas. Ocupando a segunda casa, temos um complemento do verbo (me ou a mim). A terceira casa é ocupada pelo que denominamos de outros constituintes.

3. Alguns verbos de movimentos

Para este trabalho, foram coletados exemplos da *Folha de S. Paulo OnLine* que pudessem constatar nossa investigação, no que se refere aos diferentes usos e diferentes transitividades dos verbos que têm como traço comum [+movimento].

Borba registrou 25 acepções para o verbo *subir*, vejamos o que se aplicará em

(10) A ministra do Turismo, Marta Suplicy (PT), subiu quatro pontos percentuais e divide a liderança com o ex-governador Geraldo Alckmin (PSDB) na corrida à Prefeitura de São Paulo. 29/03/2008

Uma vez que o assunto é as eleições de 2008, o verbo *subir* vai selecionar como complemento um nome abstrato, conforme a terceira acepção que diz “mudar de valor, elevando-o” (BORBA, 2002: 1492). Sendo um verbo de valência dois, pois é muito importante saber quanto o candidato subiu e quem é este candidato, preen-

chendo casas argumentais à esquerda (A ministra do Turismo) e à direita (quatro pontos percentuais).

Os eventos (11) e (12) são manchetes que indicam as condições dos candidatos à presidência dos Estados Unidos, também nas eleições de 2008.

(11) Barack Obama volta de férias e enfrenta ataques de Hillary Clinton. 26/03/08.

(12) Hillary caminha entre força e emoção. – 28/03/08.

Em (11) há um complemento de direção, pois ele retorna, vem de volta. Temos, também, um verbo divalente. Em (12), o complemento do verbo *caminhar* não indica movimento, mas sim situacionalidade. Há no complemento nomes abstratos.

Verifiquemos os exemplos a seguir:

(13) O presidente da siderúrgica ArcelorMittal, Lakshmi Mittal, irá na segunda-feira (15) ao Cazaquistão, após o acidente registrado em uma mina de carvão de propriedade da companhia.

12/01/2008.

(14) Alice diz que vai até a delegacia.

25/03/08.

Os eventos acima são casos prototípicos de verbo de movimento e que é divalente, X *IR* a Y.

Outro caso acontece com o verbo *pular* que equivalendo semanticamente a *saltar*, exige um complemento de direção, como se vê em:

(15) Os bombeiros pularam na água e acionaram a PM.

09/03/2008.

Vê-se também a necessidade de complemento de direção no caso 16, tornando-o divalente:

(16) "Saio da peça em São Paulo e corro para o aeroporto. Espero estar no palco em Curitiba por volta das 22h30", diz.

28/03/2008.

O evento abaixo é um caso de trivalência.

(17) Sobre o aumento do salário mínimo em São Paulo. Ele salta de R\$ 410 para R\$ 450.

25/03/2008.

Nas sentenças acima observamos que o maior número de ocorrências é de casos de verbos de movimento divalentes. Registramos apenas um caso de verbos trivalentes e constatamos que também não é comum o caso de monovalência.

Vale ressaltar, que aqui não foram aplicados os parâmetros que determinam a transitividade utilizados por Hopper e Thompson (1980). A intenção foi mostrar que não se pode classificar os verbos previamente no que se refere à transitividade, pois no uso efetivo é que eles se mostrarão em relação à exigência ou não de complemento. Além disso, o tipo de complemento dependendo da necessidade comunicativa.

4. Considerações finais.

Numa análise semântica, para além do que disse a gramática tradicional, os verbos de movimento não indicam somente direção.

Sintaticamente, eles são verbos que geralmente ocupam duas casas argumentais, por isso divalente, podendo ser trivalentes.

Contudo, o que vai determinar a transitividade desses verbos será o uso. Pois em cada sentença, cada evento, eles poderão se comportar de maneira distinta. Resta-nos uma boa observação e a intenção do falante na seleção de cada um desses itens lexicais.

5. Referências

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística**: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978).

BORBA, Francisco da Silva. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática 2002.

_____. **Propriedades Sintáticas, semânticas e pragmáticas do léxico**. In: Revista (Con)Textos lingüísticos. Vitória: PPGEL, 2007. (55-68)

CAMACHO, Roberto Gomes. O papel da estrutura argumental na variação de perspectivas. In: KOCK, Ingedore Vilaça (org.) **Gramática do português falado**. Vol. VI. 2. ed. rev. São Paulo: Editora da Unicamp, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

PEZATTI, Erotilde Goretti. Estrutura argumental e fluxo de informação. In: KOCK, Ingedore Vilaça (org.) **Gramática do português falado**. Vol. VI. 2. ed. rev. São Paulo: Editora da Unicamp, 2002.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.